

ORGANIZAÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS: Cristina Patriota de Moura

**W. E. B. DU BOIS**

**O NEGRO  
DA  
FILADÉLFIA**

**UM ESTUDO SOCIAL**

**autêntica**

## APRESENTAÇÃO

### **W. E. B. Du Bois e o *Negro da Filadélfia***

*Cristina Patriota de Moura*

*Joaze Bernardino-Costa*

*Finalmente, deixem-me acrescentar que tenho a confiança de que este estudo, com todos os seus erros e limitações, servirá ao menos para enfatizar o fato de que os problemas (dos) Negros são problemas de seres humanos (DU BOIS, 1899, p. iv).*

Mais de um século após sua primeira publicação, temos a honra de finalmente poder apresentar a primeira versão em língua portuguesa desta obra magistral, elaborada por um dos maiores intelectuais de todos os tempos. Trata-se de *O Negro da Filadélfia*, de William Edward Burghardt Du Bois. Publicado originalmente em 1899, o livro e seu autor são importantes marcos para o estabelecimento das Ciências Sociais, dos Estudos Urbanos, da discussão acerca das relações raciais nos Estados Unidos e no mundo, bem como para a elaboração e a promoção de uma agenda antirracista nos meios acadêmicos e sociais de uma forma geral.

Somente nos últimos anos começa a ser dado o crédito devido ao conjunto da obra de Du Bois e, principalmente, o reconhecimento de seu lugar como clássico e pioneiro das Ciências Sociais de forma geral, e da Sociologia e da Antropologia urbanas de forma mais específica. *O Negro da Filadélfia* chegou a ser praticamente esquecido após sua primeira publicação em 1899, para a qual o autor escrevera o prefácio de onde retiramos a citação na epígrafe desta introdução. O prefácio de três páginas não foi reproduzido nas edições subsequentes da obra em

língua inglesa, das quais destacamos as de 1967, 1996 e 2007 por conterem introduções de diferentes autores.

A primeira edição em brochura (*paperback*), de 1967, com introdução de Digby Baltzell, então um eminente professor da Universidade da Pensilvânia, traz um lamentável testemunho acerca da desconsideração com a obra até então. Ali lemos que o livro estava fora de impressão havia mais de meio século, e que era praticamente impossível obtê-lo, havendo o autor da introdução procurado uma cópia por mais de vinte anos em sebos e bibliotecas, sem sucesso. Mesmo na biblioteca da universidade que sediara o estudo, havia apenas uma cópia preservada em microfilme. O exemplar que constava no catálogo da biblioteca desaparecera das estantes. Ao escrever a introdução, Baltzell dizia estar usando uma cópia que lhe fora cedida a título de empréstimo, na falta de outro exemplar disponível, por um antigo colega de Du Bois na Universidade de Atlanta.

Atualmente, no entanto, *O Negro da Filadélfia* consta cada vez mais nos programas de cursos acerca da história da Antropologia, Sociologia, Estudos Urbanos e outras disciplinas. É tema de livros, seminários, projetos de pesquisa e filme-documentário que se inspiram no trabalho pioneiro de Du Bois para refletir acerca de questões atuais que abrangem não somente a temática do Negro, mas questões humanas muito mais gerais, incluindo mercado de trabalho, segregação urbana, moradia, saúde, criminalidade, preconceitos de diversos tipos e a importância de políticas educacionais e organizações religiosas para o avanço da equidade social. A questão racial, para além da relevância em sua especificidade, é incontornável para compreender o desenvolvimento social em escala global, tendo em vista as maneiras como o capitalismo e o colonialismo estiveram imbricados desde o início.

Assim, se por um lado nos atrasamos em mais de um século em traduzir este livro clássico de Du Bois para o português, nos unimos aos esforços de uma grande rede que só recentemente vem reconhecendo a importância do livro e do autor para as ciências humanas e para o ambiente acadêmico internacional, de forma geral.

W. E. B. Du Bois (1868-1963) foi o primeiro negro a obter o título de doutor da Universidade de Harvard. Estudou na Universidade de Berlim e, segundo pesquisas recentes, teve uma importante influência sobre a teoria de estratificação social de Max Weber (MORRIS, 2015).

Seus estudos sociológicos acerca da população negra dos Estados Unidos uniram amplas pesquisas históricas, levantamentos estatísticos, entrevistas sistemáticas com milhares de pessoas em contextos rurais e urbanos e observações etnográficas detalhadas narradas em diálogo com dados quantitativos extensos e longitudinais. Ao trabalho relativamente solitário realizado na Filadélfia, se somaram depois diversas outras pesquisas com comunidades específicas, rurais e urbanas, de maior e menor escala, tendo Du Bois formado diversos pesquisadores e publicado amplamente a partir de sua posição na Universidade de Atlanta, durante a primeira década do século XX. Fatores sociológicos ligados à própria linha de cor que denunciava em seus estudos, no entanto, impediram que Du Bois conseguisse posições acadêmicas em universidades brancas, financiamentos para suas pesquisas e mesmo que lhe fosse dado o crédito devido pela qualidade empírica e teórica de seu trabalho científico.

A partir da segunda década do século XX, Du Bois deixou seu emprego acadêmico em Atlanta e passou a atuar mais com publicações literárias, jornalísticas e políticas. Foi um importante membro fundador da NAACP, a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor, que teve papel fundamental na luta por direitos civis nos Estados Unidos. Foi também editor do importante periódico *The Crisis*, que atuou na denúncia das injustiças contra os negros nos Estados Unidos, principalmente divulgando a brutalidade dos linchamentos de negros por brancos. Seu livro mais lido, *The Souls of Black Folk*, de 1903, tem mais de uma tradução para a língua portuguesa, seja sob o título *As Almas da Gente Negra* (edição de 1999) ou *As Almas do Povo Negro* (edição de 2021). Além desse livro de ensaios e poemas, onde Du Bois delinea seus importantes conceitos de *dupla consciência* e do *véu*, há também alguns contos de Du Bois disponíveis em português e outros estão sendo traduzidos no momento. Esses textos são importantes obras daquele que foi também um dos maiores proponentes do pan-africanismo e que, na segunda metade de sua vida, desiludiu-se com o capitalismo ocidental e abraçou a causa do comunismo e do anticolonialismo, a ponto de abdicar de sua cidadania estadunidense.

*O Negro da Filadélfia* é anterior aos trabalhos mais abertamente políticos e dramaticamente militantes de Du Bois. As mais de quatrocentas páginas do texto original, recheadas de mapas e tabelas elaborados à mão

pelo próprio autor e seguidas do relatório especial acerca do trabalho doméstico, de autoria de Isabel Eaton, pretenderam apresentar uma contundente objetividade científica por parte de um jovem pesquisador com as melhores credenciais acadêmicas existentes à época. Encomendada a partir de uma colaboração entre uma atuante e influente participante da *College Settlement Association (CSA)* e a Universidade da Pensilvânia, a tarefa colocada diante de Du Bois era realizar uma pesquisa no bairro com maior concentração de negros na Filadélfia, o *Seventh Ward* (Sétima Região), para chegar às causas e a uma possível solução para o que era percebido como o “problema Negro”.

Em uma época na qual vigoravam o racismo pseudocientífico e o darwinismo social como paradigmas dominantes nas instituições de ensino e pesquisa, bem como na sociedade letrada (branca) em geral, a resposta de Du Bois, com todo o rigor metodológico disponível à época e uma exaustiva apresentação de dados históricos, estatísticos e etnográficos, desafiava as premissas daqueles que contrataram a pesquisa. Talvez essa relação complexa entre Du Bois e seus empregadores, bem como com o público letrado quase exclusivamente branco (mas não somente masculino) ao qual o livro se dirigia, expliquem o que pode parecer um acanhamento ou mesmo uma adesão do autor a alguns valores típicos de sua época, entre eles os da moralidade vitoriana e da escala evolutiva que postulava um percurso da selvageria à barbárie para culminar na presumida civilização pautada na ética democrática e na estabilidade da família nuclear burguesa como índice de “avanço” social.

Não obstante a utilização de rótulos como bárbaros e civilizados para designar grupos específicos, Du Bois argumenta, a partir de dados exaustivos, que o problema a ser sanado na Filadélfia e nas grandes cidades estadunidenses de forma geral não é o da existência de Negros, mas sim os problemas enfrentados por aqueles designados como Negros em uma sociedade irracionalmente preconceituosa, que limitava as oportunidades de avanço social a uma parcela assim denominada, cujos indivíduos eram múltiplos e heterogêneos, da mesma forma que imigrantes brancos de diversas procedências. Já em sua primeira nota, o autor avisa aos leitores que utilizará o termo “Negro” para se referir a todas as pessoas de ascendência negra, “apesar de tal nomeação ser até certo ponto ilógica”. Dessa forma, desde o início Du Bois acena para a arbitrariedade da classificação

racial, e trata a questão do Negro como questão sociológica em uma época na qual a biologização essencialista e racista era o que imperava no meio acadêmico. Na mesma nota, o autor afirma que utilizará, ao longo do livro, letra maiúscula na grafia da palavra Negro, “porque acredito que oito milhões de americanos merecem uma letra maiúscula”. Assim, respeitando e reiterando o gesto político do autor, esta tradução manteve a letra maiúscula para a palavra Negro (e Negra), mesmo que isso desafie as atuais regras formais da língua portuguesa.

Esta edição em língua portuguesa surge, também, na esperança de que sua leitura possa ser adotada em cursos formativos da história das disciplinas, lado a lado de autores como Max Weber para a Sociologia, Franz Boas para a Antropologia e Robert Park para os Estudos Urbanos. Weber, Boas e Park foram, por sinal, contemporâneos de Du Bois que dialogaram com o intelectual pessoalmente e por correspondência, utilizaram seus escritos em cursos, mas pouco fizeram para inseri-los nos circuitos acadêmicos de elite dos quais participavam (MORRIS, 2015).

William Edward Burghardt Du Bois nascera no estado de Massachusetts e fora educado em escolas ligadas a igrejas frequentadas por membros de uma classe média branca progressista que valorizava o mérito e apoiara a luta contra a barbárie da escravidão. Seu primeiro contato com a segregação racial e o contexto rural do Sul se dera quando ele foi estudar na Universidade Fisk, no Tennessee, destinada a estudantes negros. Obteve seu primeiro diploma de bacharel em 1888, em um curso de humanidades que incluía disciplinas de Direito, História e Filosofia. Em seguida, logrou ser admitido na Universidade de Harvard, em seu estado natal, onde obteve um segundo bacharelado em 1890 e seguiu para o PhD, que concluiu em 1895. Obteve, em 1892, bolsa de estudo para passar um ano vinculado à Friedrich-Wilhelms-Universität (atualmente Universidade Humboldt), em Berlim, o que proporcionou a ele contato com eminentes sociólogos alemães e a oportunidade de conhecer outros países europeus (Du Bois, 1968).

Quando o jovem Du Bois concluiu sua formação acadêmica, contando com uma trajetória estudantil brilhante e um diploma de PhD da prestigiosa Universidade de Harvard, chegou a enviar seu currículo a diversos centros de ensino e pesquisa nos Estados Unidos. Conseguiu emprego em uma pequena faculdade religiosa para negros onde ensinaria grego e latim (Wilberforce). Em 1896, recebeu uma proposta para realizar um

estudo sobre os negros na Filadélfia e, mesmo sem a oportunidade de ensinar na Universidade da Pensilvânia, viu a chance de desenvolver um trabalho na área para a qual fora formado. Em 1897, foi contratado pela Universidade de Atlanta, onde ficou até 1910 e realizou uma série de pesquisas empíricas, com os métodos que começara a desenvolver durante o estudo na Filadélfia. Há quem defenda, inclusive, que a Escola de Atlanta tenha sido a primeira escola de sociologia científica dos Estados Unidos, anterior à Escola de Chicago (MORRIS, 2015; JERABEK, 2016; HUNTER, 2015).

Em sua autobiografia, escrita na última década de seu primeiro século de vida [sic.], Du Bois descreve sua abordagem ao estudo dos negros na cidade da Filadélfia:

Eu considerei minha tarefa aqui simples e bem definida; me propus a descobrir o que estava havendo naquela área e por quê. Comecei sem “métodos de pesquisa” e pedi poucos conselhos em relação a procedimentos. O problema estava diante de mim. Estude-o. Eu o estudei pessoalmente e não por procuração. Não enviei agentes. Fui eu mesmo. Pessoalmente visitei e conversei com 5.000 pessoas. O que pude, registrei em sequência ordenada em tabelas que eu mesmo fiz e submeti à universidade para críticas. Outras informações eu armazenei em minha memória ou anotei como lembretes. Percorri as bibliotecas da Filadélfia por dados, em muitas ocasiões ganhei acesso a bibliotecas privadas de gente Negra e consegui informações individuais. Mapeei o distrito, classificando-o por condições; compilei dois séculos de história do Negro na Filadélfia e na Sétima Região (Du Bois, [1968] 2007, p. 197-198).

O estudo encomendado deveria responder à questão de como lidar com o “problema Negro” na cidade. À época, Filadélfia era uma cidade industrial que atraía um grande contingente de imigrantes de diversos grupos étnicos europeus, bem como negros provenientes de contextos rurais do Sul dos Estados Unidos. A área onde Du Bois realizou sua pesquisa era uma área densamente povoada e com altos índices de mortalidade, desemprego e criminalidade. Na Sétima Região, porém, havia também uma área de residências afluentes, onde vivia a elite branca que empregava negros e imigrantes como serviços domésticos. Mesmo a área pobre e degradada do bairro, designada pelo termo *shum* no original, não abrigava

uma população exclusivamente negra. Porém, ao passo que os imigrantes poloneses, alemães e russos tinham a área como habitat temporário em processos de ascensão social intergeracional, havia poucas oportunidades de saída para os negros em virtude das escassas oportunidades de emprego, educação e mesmo moradia em outros bairros da cidade.

Com forte formação teórica em filosofia e sociologia, Du Bois se preocupava com a excessiva teorização nas obras acadêmicas, descolada por vezes de uma abordagem científica dos problemas sociais. Uma abordagem científica, para Du Bois, deveria ter um forte lastro empírico, e daí sua aposta no desenvolvimento de metodologia de pesquisa que apurasse os fatos da vida social. No que tange ao “problema Negro”, Du Bois faz questão de estudar tanto a população em questão quanto o ambiente social, e constrói uma extensa argumentação com exaustiva demonstração empírica de que o problema verificável não era “o negro”, mas a “linha de cor”, ou seja, os constrangimentos impingidos pelo “ambiente social” que, irracionalmente, limitavam as oportunidades de participação de um grande contingente da população que, dadas as devidas condições, poderia demonstrar sua capacidade e contribuir para a construção de uma sociedade urbana moderna e civilizada.

Para a execução de seu programa de pesquisa, Du Bois se inspirou em pesquisa realizada por Charles Booth em Londres, *Life and Labour of the People of London* (1889, 1891) bem como nos *Hull-House Maps and Papers*, organizados pela líder do College Settlement Association, Jane Addams (1895). Assim, fez questão de comparar os dados obtidos por meio de questionários preenchidos pessoalmente com visitas domiciliares durante o ano que viveu na Sétima Região, como dados de censo dos Estados Unidos e pesquisas realizadas em outras cidades. Os dados comparativos usados por Du Bois incluem também cidades inglesas e alemãs, para as quais havia dados disponíveis à época (DU BOIS, 1899; HUNTER, 2014a; 2014b; KATZ; SUGRUE, 1998; LEWIS, 1993; DEEGAN, 2002).

Du Bois uniu aos dados estatísticos a minuciosa pesquisa histórica sobre o processo de povoamento da Filadélfia, incluindo pessoas, grupos e instituições que se destacaram na história da cidade e contribuíram para o desenvolvimento econômico e político, com especial foco nas relações de trabalho. Temas como religiosidade, habitação e relações

de parentesco também foram objetos de atenção cuidadosa, e são tratados na volumosa publicação, que inclui alguns anexos,<sup>7</sup> inclusive sobre trabalho doméstico. Para a parte histórica do trabalho, apoiou-se em dados censitários, arquivos de igrejas e jornais e depoimentos colhidos em entrevistas realizadas pessoalmente.

A obra questiona a homogeneização da categoria racial, demonstrando a heterogeneidade sociocultural dos negros moradores da Sétima Região e da cidade da Filadélfia em geral, comparando-os com outros segmentos étnicos de migrantes rurais e destacando a importância das condições sociológicas para a configuração de problemas atribuídos à raça. Du Bois mapeia uma série de problemas “negros” na Filadélfia, que vão desde alta mortalidade por tuberculose até altas taxas de criminalidade, baixa escolaridade e desemprego. Seu “diagnóstico”, no entanto, destoa dos determinismos biológicos vigentes ao final do século XIX ao apontar para o fato de que tais problemas entre os negros são consequências das condições históricas. Essas condições, de cunho econômico, político e cultural, não permitiram o avanço de um segmento encoberto pelo véu do preconceito e tolhido pela negação de oportunidades com base em premissas contrárias à lógica da civilização democrática e moralmente elevada que o mesmo ainda acreditava existir nos Estados Unidos da América.

Não há dúvida de que na Filadélfia o centro e semente do problema Negro, no que tange às pessoas brancas, está nas estreitas oportunidades proporcionadas aos Negros para ganhar a vida de forma decente. Tal discriminação é moralmente errada, politicamente perigosa, industrialmente perdulária e socialmente tola (neste volume, p. 396).

Assim, Du Bois argumenta e comprova com uma profusão de dados empíricos quantitativos e etnográficos que o “problema Negro” é, em

<sup>7</sup> A publicação em língua inglesa inclui três apêndices e um relatório especial, cujos títulos traduzidos são:

“Apêndice A: Formulários usados na enquete de casa em casa”;

“Apêndice B: Legislação etc., da Pensilvânia em relação ao Negro”;

“Apêndice C: Bibliografia”;

“Relatório especial sobre o serviço doméstico na Sétima Região”.

Esta versão em língua portuguesa não inclui os apêndices e o relatório (de autoria de Isabel Eaton). Eles podem ser acessados em: <https://bit.ly/3Nxxwwt>.

última instância, um problema de todos, cuja solução estaria nas mãos dos brancos detentores das condições passíveis de abrir as portas da cidade do “amor fraterno” aos negros habilitados pela educação formal e por treinamento profissional. O termo em inglês “*Negro Problem*” era utilizado para se referir aos negros como um problema, mas Du Bois transforma o sentido da expressão ao longo do livro, utilizando-a para se referir a problemas enfrentados pelos negros, dos quais o principal é a atitude discriminatória por parte dos brancos. Assim, nesta versão em português, optamos por traduzir a expressão ora como “problema Negro”, ora como “problema do Negro” ou “problema dos Negros”, de acordo com o contexto.

Na década seguinte à publicação de *O Negro da Filadélfia*, Du Bois vai apostar na expansão de seu programa de pesquisa e na transposição da metodologia desenvolvida com aquele estudo para outros contextos urbanos e rurais nos Estados Unidos. Já na Universidade de Atlanta, o professor e pesquisador irá formar pesquisadores e apresentar suas pesquisas em congressos nacionais e internacionais. Tais pesquisas serão reconhecidas e citadas nos grandes centros europeus.

Os trabalhos realizados em Atlanta e publicados em forma de relatórios anuais serão os dados mais detalhados acerca de qualquer segmento populacional a serem sistematizados e publicados na primeira década do século XX. Daí autores como Morris afirmarem que Du Bois e seus colaboradores estabeleceram a “escola de Atlanta”, e que esta seria a primeira escola de sociologia científica dos Estados Unidos, anterior mesmo à Escola de Chicago, que teve seu ápice com as pesquisas coordenadas por Robert Park na década seguinte. Mas, assim como os negros da Filadélfia, Du Bois encontrou barreiras institucionais que impediram o avanço de seu programa científico.

O ostracismo acadêmico de Du Bois no que tange ao contexto institucional hegemônico dirigido por intelectuais brancos contrasta com sua forte presença junto aos movimentos sociais afrodescendentes, em diferentes continentes, ao longo de sua longa trajetória literária e política. Não obstante, seu reconhecimento póstumo por parte da comunidade acadêmica vem crescendo, como indica a existência da cátedra W. E. B. Du Bois na Universidade de Harvard e a outorga a ele do título póstumo de Professor Emérito da Universidade da Pensilvânia, em 2012.

Em relação à trajetória da obra que aqui apresentamos, é interessante vermos as introduções de diferentes edições publicadas ao longo do tempo. A introdução escrita por E. Digby Baltzell para a edição de 1967 (Schoken Books) enfatiza o valor da obra em termos empíricos, metodológicos e teóricos, na medida em que apresenta uma explicação ambiental baseada em relações sociais para o problema Negro, em contraposição ao racismo pseudocientífico conjugado ao darwinismo social vigente ao final do século XIX. A obra é apresentada como pioneira em termos de história e pesquisa sociológica urbana, tendo influenciado obras posteriores como as de Thomas e Znaniecki, Robert Park, e St. Clair Drake e R. Horace Cayton (*Black Metropolis*), além de teorias acerca da classe média negra como as de Franklin Frazier, que escreveu sobre uma burguesia negra nos Estados Unidos cinquenta anos depois. A questão da estratificação social também aparece como crucial, conforme evidenciado em trecho sobre *O Negro da Filadélfia* em *Black Metropolis*. Baltzell situa a obra na biografia de Du Bois, nos estudos sobre cidades nos Estados Unidos e sobre a população Negra. Também aponta o valor da obra como documento histórico sobre a cidade da Filadélfia, onde foi escrita a declaração da independência dos Estados Unidos e “fundada a nação” (BALTZELL, 1967, p. xxviii).

A introdução traz um interessante material acerca das transformações ocorridas na cidade após a pesquisa de Du Bois e até os anos 1960. Um dado importante apontado por Baltzell é que, ainda que a Sétima Região fosse majoritariamente negra e que Du Bois tenha identificado as dificuldades que os Negros enfrentavam para encontrar residências em bairros exclusivamente brancos, o processo de guetificação e maior segregação racial nas cidades dos Estados Unidos é um fenômeno que se cristaliza no século XX, posteriormente à pesquisa inicial de Du Bois. “Relações sociais entre brancos e Negros, portanto, eram marcadas por diferenciais claros de status e alta interação social, ao invés de pela segregação residencial e baixa interação que caracteriza as relações entre as raças atualmente” (BALTZELL, 1967, p. xxxii).

Se, por um lado, aumentara a segregação residencial, e as condições de moradia em bairros negros continuavam precárias e insalubres, o século XX proporcionava maiores oportunidades ao estrato social que Du Bois batizara de *talented tenth*, os 10% talentosos, a elite da população negra

que, segundo ele, deveria elevar seu povo das condições de desvantagem em que se encontrava. Nas palavras de Du Bois,

A raça Negra, como todas as raças, será salva por seus homens excepcionais. O problema da educação, portanto, entre Negros, deve antes de tudo lidar com os dez por cento talentosos; é o problema de desenvolver os melhores desta raça, que poderão guiar a massa para longe da contaminação e mortalidade dos piores, de sua própria raça e de outras (p. xli).\*

Professor de Sociologia (branco) da Universidade da Pensilvânia, pesquisador de elites e o responsável por cunhar o termo WASP\*\* para designar a elite branca, anglo-saxã e protestante estadunidense, E. Digby Baltzell conclui sua introdução dizendo que o próprio meio acadêmico se transformara dramaticamente, e que à sua época alguém com as credenciais de Du Bois não somente seria aceito no corpo docente da universidade como seria ativamente recrutado e provavelmente recusaria por haver obtido melhores ofertas de emprego.

A edição de 1996, publicada pela editora da Universidade da Pensilvânia, traz uma nova introdução, escrita por Elijah Anderson, negro, professor de Sociologia, Etnografia Urbana e Estudos Afro-Americanos da prestigiosa Universidade de Yale. Anderson salienta a relação entre raça e classe nos trabalhos de Du Bois e sua dívida aos estudos empíricos de Charles Booth nos bairros pobres de Londres e as pesquisas com mapas e tabelas das feministas ligadas a Jane Adams e ao movimento do *College Settlement*.

Anderson afirma que Du Bois é o pai fundador da Sociologia americana [*sic.*] e refere-se ao livro como uma obra-prima. Não obstante, lamenta-se do fato de ainda ser possível que um pós-graduando, nos anos 1990, conclua sua formação em Sociologia nos Estados Unidos sem jamais ter ouvido falar de W. E. B. Du Bois. A introdução traz reflexões acerca da biografia do autor, da questão racial e do estatuto das Ciências Sociais. Ao final, mais uma vez, temos informações sobre a cidade da Filadélfia nos anos 1990.

\* DU BOIS, W. E. B. *The Talented Tenth*. In: DU BOIS, W. E. B. *The Negro Problem*.

\*\* A palavra *wasp* significa vespa (o inseto) em língua inglesa. A sigla cunhada por Baltzell, no entanto, reúne as primeiras letras da designação *White Anglo-Saxon Protestant*.

A introdução da edição de 1996 salienta a ambiguidade de Du Bois ao lidar com a questão das relações raciais nos Estados Unidos. O jovem Du Bois ainda acreditava na possibilidade de reforma social e que o conhecimento objetivo, claramente apresentado, mudaria a perspectiva da elite branca em relação ao “problema Negro” que afligia a grande cidade. Por outro lado, o próprio autor ainda tinha dificuldade em se perceber como passível do mesmo preconceito dispensado aos negros da elite da Filadélfia, apesar de salientar a existência (irracional) da linha de cor. Tal perspectiva, nos diz Anderson, seria radicalmente transformada ao longo da trajetória de Du Bois.

Du Bois nutria a esperança de que o capitalista americano, inerentemente nobre, ainda que oportunista, poderia algum dia ser persuadido a mudar suas práticas. Chegando ao final de sua vida, no entanto, Du Bois se tornou profundamente desiludido com a América. Renunciando a sua cidadania americana, abraçou o pan-africanismo e mudou-se para Gana, onde faleceu em 1963, bem na época em que uma geração mais militante de pretos estava marchando sobre Washington para exigir reparação pelas injustiças que ele foi o primeiro a narrar (ANDERSON, 1996, p. xxiv).

A publicação inglesa de 2007, que integra a coleção da editora da Universidade de Oxford com diversas obras de Du Bois, traz uma breve introdução escrita por Lawrence Bobo, então professor (negro) de Stanford. Autor de importante obra, que inclui livros acerca do racismo urbano nos Estados Unidos, Bobo é atualmente professor catedrático de Harvard, com o título de *W. E. B. Du Bois Professor of the Social Sciences* na mesma prestigiosa universidade onde Du Bois obteve seu doutorado em 1895.

Bobo destaca as principais questões levantadas neste livro: o método indutivo, a explicação sociológica (e não biológica ou psicológica) da situação da população negra da Filadélfia ao final do século XIX, a abordagem que destaca a heterogeneidade e a estratificação social entre os negros, e a detalhada descrição e problematização de condições de trabalho, educação, moradia, saúde, criminalidade e preconceito por parte dos brancos. Mais do que situar a importância da obra na história dos Estudos Urbanos, da Sociologia e dos Estudos Afro-Americanos, no entanto, Bobo identifica, já no século XXI, o que ele chama de

“ressureição” de Du Bois por parte de intelectuais que, nas áreas de Sociologia, História, Ciência Política, Antropologia, Educação, Estudos Urbanos e até Filosofia, finalmente estariam trazendo-o ao seu devido lugar de destaque. Diz Bobo (2007, p. xxvi): “É raro encontrar um estudo sociológico que tenha crescido marcadamente em influência um século depois de sua publicação inicial. Mas esse é precisamente o caso da pesquisa de comunidade magistral de W. E. B. Du Bois, *O Negro da Filadélfia*”.

Posteriormente à publicação pela editora da Universidade de Oxford é que encontramos as primeiras traduções de *The Philadelphia Negro* para línguas românicas: uma tradução colombiana para o espanhol publicada pelos Archivos del Indice, de 2013, e a tradução para o francês publicada pela La Découverte mais recentemente, em 2019.

A breve introdução à versão colombiana, *El Negro de Filadelfia*, publicada em 2013, salienta a importância das mulheres na origem da pesquisa sociológica estadunidense apesar de, como é o caso da presente versão brasileira, não trazer o relatório especial de Isabel Eaton. Na versão em língua espanhola, optou-se por traduzir *Seventh Ward* como *Distrito Séptimo*, que aqui traduzimos como Sétima Região, uma vez que Du Bois utiliza o termo distrito para se referir a áreas menores dentro mesmo do *Seventh Ward*, se referindo inclusive a algumas áreas de habitação precária dentro da região como *slum districts*, por exemplo.

A primeira versão em língua francesa, intitulada *Les Noirs de Philadelphie*, publicada em 2019, é apresentada na introdução por seu tradutor, o sociólogo Nicolas Martin-Breteau. Este se soma aos outros intelectuais que tiveram a honra, como temos agora, de apresentar esta grande obra a um novo público, ao apontar não somente a qualidade da pesquisa e de sua apresentação, mas a relevância das questões levantadas por Du Bois ao final do século XIX para lidar com temas que ainda pairam sobre nossas sociedades do século XXI.

Mais de um século depois, portanto, não somente a magistral obra de Du Bois ganha espaço por sua relevância histórica e sua relativa atualidade de perspectiva, mas o próprio meio acadêmico estadunidense se transforma a ponto de Aldon Morris, o presidente (negro) da American Sociological Association durante o ano de 2021, ter sido um pesquisador que escreveu, justamente, um importante livro que situa a obra sociológica



de Du Bois como a primeira escola sociológica estadunidense, a partir do conjunto de estudos seus que se iniciam com *O Negro da Filadélfia* e continuam a partir da Universidade de Atlanta, onde Du Bois coordenou um importante programa de pesquisa entre 1899 e 1912.

Apesar de ter renunciado à cidadania estadunidense, Du Bois vem sendo repetidamente reconhecido e homenageado no meio acadêmico dos Estados Unidos e da universidade que o contratara apenas temporariamente como “assistente em Sociologia” durante o ano de 1897. Esse reconhecimento tardio é atestado, por exemplo, pelo seminário organizado por ocasião da outorga do título póstumo de Professor Emérito da Universidade da Pensilvânia, em 2012, com o título de *Honorary Emeritus Professorship of Sociology and Africana Studies* (ZUBERI, 2012). Professores da mesma universidade também organizaram um importante livro comemorativo em 1998, intitulado *W. E. B. Du Bois, Race and the City: the Philadelphia Negro and its Legacy*. A figura de Du Bois estampa hoje um grande mural no bairro da Filadélfia onde a pesquisa foi realizada, cujo processo de confecção pode ser visto no interessante documentário dirigido pela professora do departamento de Design da Universidade da Pensilvânia, Amy Hiller (HILLER, 2011). Vemos também pesquisas atuais sendo realizadas com a participação de moradores e estudantes residentes na Filadélfia, utilizando os métodos desenvolvidos por Du Bois há mais de cem anos em conjunção com novas tecnologias e metodologias (BODDIE; HILLER, 2022).

No caso brasileiro, a publicação de *O Negro da Filadélfia* é bem oportuna. Diferentemente do contexto estadunidense, em que se fala de uma ressurreição de Du Bois, não podemos dizer o mesmo do caso brasileiro. A diferença reside no fato de que as universidades norte-americanas criaram ao longo do século XX diversos Centros de Estudos Afro-Americanos, em que não somente *O Negro da Filadélfia* tem sido estudado, mas a ampla e magistral obra de Du Bois, composta de 21 livros, 15 coletâneas de seus próprios ensaios e artigos e quase uma centena de artigos publicados em periódicos acadêmicos e jornais para o grande público. A novidade no contexto estadunidense – portanto, a ressurreição – consiste em Du Bois começar a ser lido e integrar as disciplinas formativas dos cursos de Sociologia, Antropologia, Estudos Urbanos, Filosofia etc.

No caso brasileiro, não temos uma ressurreição, mas uma descoberta de Du Bois nos anos recentes, uma vez que jamais tivemos uma

proximidade em nossos cursos de formação acadêmica com a obra desse profícuo autor. No máximo, salvo raras exceções, apenas alguns pesquisadores e ativistas negros tinham tido contato com *The Souls of Black Folk*, traduzido com o título *As Almas da Gente Negra* ou *As Almas do Povo Negro*, a depender da edição. Essa descoberta de Du Bois – o que tem motivado outras editoras também a publicarem algumas de suas obras – é resultado direto das transformações pelas quais têm passado as universidades brasileiras nas últimas duas décadas, quando democratizamos o acesso à graduação a estudantes negros por meio das políticas de cotas. Alguns desses estudantes – beneficiários diretos ou indiretos das ações afirmativas – chegaram às pós-graduações, e alguns outros – bem aquém da necessidade histórica – estão se tornando docentes das universidades e centros de pesquisa do país. Este é um movimento que, como tem sido sinalizado pela literatura especializada, não se restringe à simples representação numérica de estudantes e pesquisadores negros nas graduações, pós-graduações e na docência, mas envolve também uma ampliação epistêmica no ensino e pesquisa que estão em desenvolvimento nas nossas universidades (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018).

Hoje, estudantes e pesquisadores negros não têm se contentado com o conhecimento parcial que tivemos ao longo do século XX, quando apenas parte da população brasileira sentia-se representada por um conhecimento que refletia as sensibilidades históricas e as experiências corpo-políticas da população brasileira de ascendência europeia. A entrada de estudantes, pesquisadores, docentes negros e indígenas nas universidades tem evidenciado a necessidade da ampliação do cânone acadêmico a fim de que intelectuais e pesquisadores não brancos sejam contemplados também. Da mesma forma que participamos da descoberta de diversos intelectuais negros brasileiros nos nossos cursos formativos, também participamos da descoberta de intelectuais do chamado Atlântico Negro, entre eles, o genial Du Bois.

Sem sombra de dúvida, a publicação de *O Negro da Filadélfia* é uma contribuição inestimável às Ciências Sociais, aos Estudos Urbanos e áreas afins que beneficiará a todos, não somente estudantes, pesquisadores e docentes negros, mas todos comprometidos com o antirracismo, com a diversidade epistêmica e com a compreensão real do mundo em que vivemos.

Este livro que o leitor e a leitora têm em suas mãos, além de seu valor histórico, oferece referências e possibilidades de abordagens e interpretações que certamente se provarão seminais para a pesquisa acadêmica comprometida com a agenda antirracista e com um conhecimento profundo e sofisticado da realidade social no Brasil e no mundo.

Boa leitura!

## Referências

- ARCHIVOS DEL INDICE. Introducción. In: DU BOIS, W. E. B. *El Negro de Filadélfia: un estudio social*. Traducción de Sally Mizrahi, Sonia Muñoz e Pedro Quintín. Cali: Archivos del Índice, 2013.
- ANDERSON, Elijah. Introduction to the 1996 Edition of The Philadelphia Negro. In: DU BOIS, W. E. B. *The Philadelphia Negro: a Social Study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.
- BALTZELL, E. Digby. Introduction to the 1967 Edition. In: DU BOIS, W. E. B. *The Philadelphia Negro. a Social Study*. New York: Schocken Books, 1967.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROS-FOGUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- BOBO, Lawrence. Introduction. In: DU BOIS, W. E. B. *The Philadelphia Negro*. Edited by Henry Lewis, Jr. Gates, Oxford University Press, 2007. (The Oxford W. E. B. Du Bois.)
- BODDLE, Stephanie; HILLER, Amy. The Making and Remaking of the Philadelphia Negro. *DHQ – Digital Humanities Quarterly*, v. 16, n. 2, 2022.
- DEEGAN, Mary Jo. W. E. B. Du Bois and the Women of Hull-House. *The American Sociologist*, v. 19, n. 4, p. 301-311, Winter 1988.
- DU BOIS, W. E. B. *The Philadelphia Negro: a Social Study*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1899. (Series in Political Economy and Public Law, n. 14.)
- DU BOIS, W. E. B. *The Autobiography of W. E. B. Du Bois: a Soliloquy of Viewing my Life from the Last Decade of Its First Century*. Nova Iorque: Oxford University Press, [1968] 2007.
- DU BOIS, W. E. B. *As Almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro: Edições Lacerdas, [1903] 1999.
- DU BOIS, W. E. B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, [1903] 2021.
- LEGACY OF COURAGE: W. E. B. Du Bois and The Philadelphia Negro. Direção de Amy Hiller. 2011. Disponível em: <https://vimeo.com/22239485>. Acesso em: 21 nov. 2022.

HUNTER, Marcus Anthony. W. E. B. Du Bois and Black Heterogeneity: how *The Philadelphia Negro* Shaped American Sociology. *The American Sociologist*, v. 46, n. 2, p. 219-233, 1º jun. 2015.

JERABEK, Hynek. W. E. B. Du Bois on the History of Empirical Social Research. *Ethnic and Racial Studies*, v. 39, n. 8, p. 1391-1397, 20 jun. 2016.

KATZ, Michael; SUGRUE, Thomas. Introduction: the Context of *The Philadelphia Negro*. In: KATZ, Michael; SUGRUE, Thomas (Eds.). *W. E. B. Du Bois, Race and the City: the Philadelphia Negro and its Legacy*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1998.

LEWIS, David Levering. *W. E. B. Du Bois: Biography of a Race*. New York: Henry Holt, 1993.

LOUGHRAN, Kevin. *The Philadelphia Negro* and the Canon of Classical Urban Theory. *Du Bois Review*, v. 12, n. 2, p. 249-256, 2015.

MARTIN-BRETEAU, Nicolas. Introduction et appareil critique. In: DU BOIS, W. E. B. *Les Noirs de Philadelphie: Une Étude Sociale*. Paris: La Découverte, 2019.

MORRIS, A. D. *The Scholar Denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Oakland: University of California Press, 2015.

ZUBERI, Tukufo. W. E. B. Du Bois' Sociology: *The Philadelphia Negro* and Social Science. In: AAPSS, 595, September 2004. *Annals...* 2004.

ZUBERI, Tukufo. Dr. William Edward Burkhardt Du Bois: Honorary Emeritus Professorship of Sociology and Africana Studies. *Almanac*, 7 February 2012. Disponível em: [www.upenn.edu/almanac](http://www.upenn.edu/almanac). Acesso em: 23 nov. 2022.

## CAPÍTULO XVIII

## Uma palavra final

**56. O significado de tudo isto.** Dois tipos de respostas geralmente retornam ao americano atordoado que pergunta seriamente: qual é o problema Negro? Uma delas é direta e clara: é simplesmente isso, ou simplesmente aquilo, e um remédio simples aplicado por tempo suficiente irá fazê-lo desaparecer um dia. A outra resposta pode ser desesperadamente envolta e complexa – sem indicar nenhuma simples panaceia, terminando de forma um tanto sem esperança. Aí está: fazer o quê? Ambos os tipos de resposta contêm algo de verdadeiro: o problema Negro visto de uma maneira não vai além das antigas questões de ignorância, pobreza, crime e antipatia com estranhos. Por outro lado, é um erro pensar que atacar cada um desses problemas individualmente sem referência aos outros irá resolver o assunto: uma combinação de problemas sociais é bem mais do que uma questão de mera somatória – a combinação em si é um problema. Não obstante, os problemas do Negro não são mais irremediavelmente complexos do que muitos outros já foram. Apesar da complexidade atordoante, pode-se manter seus elementos claramente a vista: eles são nada mais do que as mesmas dificuldades sobre as quais o mundo já ficou de cabeça branca. A questão de como a inteligência pode se tornar confiável e ser treinada, sobre a possibilidade de a massa dos homens alcançar a integridade na Terra, e então a estas é acrescentada aquela questão sobre

\* No original: *What is the Negro problem? Negro problem* pode ser traduzido como problema Negro ou problema do Negro. Ver as considerações acerca desta questão na introdução a esta versão brasileira. (N.T.)

as outras questões: afinal de contas, quem são os homens? Será que cada bípede sem penas deve ser considerado um homem e um irmão? Todas as raças e tipos devem ser herdeiros conjuntos da nova terra que os homens lutaram para erguer em mais de trinta séculos? Será que não inundaremos a civilização de barbárie e afogaremos a genialidade com a complacência se procurarmos uma Humanidade mítica que abrigará todos os homens sobre sua sombra? A resposta dos séculos antigos a esse quebra-cabeças era clara: aqueles de qualquer nação que podem ser chamados de Homens e dotados de direitos são poucos: são as classes privilegiadas – os bem-nascidos e os acidentes de nascimento baixo resgatados pelo rei. O restante, a massa da nação, o *pöbel*, a turba foi feita para seguir, obedecer, cavar e mergulhar, mas não para pensar ou governar ou fazer papel de cavalheiro. Nós que nascemos em meio a outra filosofia dificilmente nos damos conta de quão arraigada e plausível essa visão acerca dos poderes e capacidades já foi; o quanto esta República teria sido completamente incompreensível para Carlos Magno ou Carlos V ou Carlos I. Nos apressamos em esquecer que houve uma época quando os cortesãos de reis ingleses olhavam para os ancestrais da maioria dos americanos com maior desdém do que aquele com o qual esses mesmos americanos veem os Negros – e talvez, de fato, tivessem mais motivos. Nos esquecemos de que os camponeses franceses já foram os “*niggers*” da França, e de que infantas alemães já discutiram duvidosamente sobre o cérebro e a humanidade dos *bauer*.

Muito disso – ou ao menos alguma parte – já passou, e o mundo se deslocou pelo sangue e pelo ferro para uma humanidade mais ampla, um respeito mais amplo pela humanidade simples, sem os adornos de ancestrais e privilégios. Não é que tenhamos descoberto, como alguns esperavam e outros temiam, que os homens foram criados livres e iguais, mas sim que as diferenças nos homens não são tão vastas quanto supúnhamos. Ainda damos aos bem-nascidos as vantagens do nascimento, ainda vemos que cada nação tem seu rebanho perigoso de tolos e patifes; mas também achamos que a maioria dos homens tem cérebros a serem cultivados e almas a serem salvas.

Ainda assim, essa ampliação da ideia de Humanidade comum é de crescimento lento, e atualmente realizada de maneira não mais que turva. Outorgamos cidadania plena na comunidade mundial ao “anglo-saxão” (seja lá o que isso signifique), ao teutão e ao latino. Então, com uma sobra

de relutância, a estendemos ao celta e ao eslavo. A negamos parcialmente às raças amarelas da Ásia, admitimos os indianos marrons à antessala somente pela força de seu inegável passado; mas com os Negros de África chegamos a uma parada completa, e em seu coração o mundo civilizado nega em unísono que eles entrem no âmbito da Humanidade do século XIX. Esse sentimento, difundido e profundamente arraigado, é, na América, o mais vasto dos problemas dos Negros. Temos, com certeza, um ameaçador problema de ignorância, mas os ancestrais da maioria dos americanos eram muito mais ignorantes do que os filhos dos libertos. Esses ex-escravos são pobres, mas não tão pobres quanto os camponeses irlandeses; o crime é desenfreado, mas não mais e talvez nem tanto quanto na Itália; mas a diferença é que os ancestrais dos ingleses, irlandeses e italianos eram considerados dignos de educação, ajuda e orientação porque eram homens e irmãos, enquanto na América um censo que faz uma leve indicação do total desaparecimento do Negro americano da terra é recebido com um prazer mal disfarçado.

Outros séculos, olhando retrospectivamente à cultura do século XIX, teriam o direito de supor que, se, em uma terra de homens livres oito milhões de seres humanos morressem de doenças, a nação clamaria a uma só voz: “Cure-os!”. Se eles estivessem cambaleando por causa da ignorância, ela gritaria: “Treine-os!”. Se estivessem prejudicando a si mesmos e aos outros pelo crime, gritaria: “Guie-os!”. Tais clamores são ouvidos e têm sido ouvidos na terra; mas não a uma só voz, e seu volume já foi quebrado com contragritos e ecos de “Deixe-os morrer!”, “Treine-os como escravos!”, “Deixe-os cambalear para baixo!”.

Este é o espírito que entra e complica todos os problemas sociais Negros, e este é um problema que somente a civilização e a humanidade podem resolver com sucesso. Por enquanto, temos os outros problemas diante de nós – temos os problemas decorrentes da junção de tantos problemas sociais em torno de um centro. Em tal situação, temos somente que evitar subestimar as dificuldades por um lado, e superestimá-las por outro. Os problemas são difíceis, extremamente difíceis, mas são tais que o mundo já os superou e pode superá-los novamente. Além disso, a batalha envolve mais do que um mero interesse altruísta por um povo estrangeiro: é uma batalha pela humanidade e pela cultura humana. No apogeu da maior das civilizações mundiais, será possível que um povo

impiedosamente roube outro povo, arraste-o, indefeso, atravessando a água, escravize-o, desmoralize-o e então o assassine lentamente com a exclusão econômica e social até que ele desapareça da face da terra? Se a consumação de tal crime for possível no século XX, então nossa civilização é vã, e a República um escárnio e uma farsa.

Mas isso não acontecerá; primeiro, mesmo com as circunstâncias terrivelmente adversas sob as quais vivem os Negros, não há a mínima probabilidade de que todos eles morram. Uma nação que suportou o tráfico de escravos, a escravidão, a reconstrução e o atual preconceito por trezentos anos, e que, mesmo sujeita a isso, aumentou em números e eficiência, não está em nenhum perigo imediato de extinção. O pensamento de emigração voluntária ou involuntária também não passa de um sonho de homens que esquecem que a quantidade de Negros nos Estados Unidos é metade da de espanhóis na Espanha. Sendo assim, então, algumas proposições simples podem ser elencadas como axiomáticas:

1. O Negro está aqui para ficar.
2. É vantajoso para todos, tanto pretos quanto brancos, que cada Negro faça o melhor consigo mesmo.
3. É dever do Negro elevar-se com todos os esforços aos padrões da civilização moderna, e não rebaixar esses padrões em nenhuma medida.
4. É dever dos brancos resguardar sua civilização contra a desmoralização por eles mesmos e por outros; mas para fazê-lo não é necessário impedir e retardar os esforços de elevação de um povo diligente simplesmente porque lhes falta fé na habilidade de tal povo.
5. Com esses deveres em mente e com um espírito de autoajuda, auxílio mútuo e cooperação, as duas raças devem empenhar-se lado a lado para realizar os ideais da república e fazer desta terra verdadeiramente uma terra de oportunidades para todos os homens.

**57. O dever dos Negros.** Que a raça Negra tenha um espantoso trabalho de reforma social diante de si nem precisa ser dito. Simplesmente pelo motivo de que os ancestrais dos atuais habitantes da América saíram do seu caminho para destratar barbaramente e escravizar os ancestrais dos atuais habitantes pretos não dá a esses pretos o direito de pedir que a civilização e a moralidade da terra sejam seriamente ameaçadas em benefício deles. Homens têm o direito de exigir que os membros de

uma comunidade civilizada sejam civilizados; que o tecido da cultura humana, tão trabalhosamente confeccionado, não seja destruído de forma desenfreada ou ignorante. Conseqüentemente, uma nação pode exigir corretamente, mesmo de um povo que foi previamente e erroneamente injustiçado, não exatamente a civilização completa dentro de trinta ou cem anos, mas ao menos todos os esforços e sacrifícios possíveis de sua parte para se tornarem membros aptos da comunidade dentro de um prazo razoável; e que assim possam logo se tornar fonte de força e auxílio ao invés de um fardo nacional. A sociedade moderna tem problemas o suficiente por si só, muita ansiedade apropriada quanto à própria capacidade de sobreviver sob sua atual organização para que compartilhe sem seriedade todos os fardos de um povo menos avançado, e ela pode com razão exigir que, na medida do possível e o mais rapidamente possível, o Negro dedique sua energia para a resolução de seus próprios problemas sociais – contribuindo com os seus pobres, pagando sua parcela de impostos e apoiando as escolas e a administração pública. Para a realização disto, o Negro tem o direito de exigir liberdade para o autodesenvolvimento, e auxílio externo na medida do que contribua de fato para a expansão de tal desenvolvimento. Tal auxílio deve necessariamente ser considerável: deve prover escolas e reformatórios, e agências de socorro e prevenção; mas o grosso do trabalho de elevar o Negro deve ser feito pelo próprio Negro, e o maior auxílio para ele será não impedir ou limitar ou desencorajar seus esforços. Contra o preconceito, a injustiça e o erro, o Negro deve protestar energeticamente e continuamente, mas jamais deve se esquecer de que ele protesta porque tais coisas impedem seus próprios esforços, e que tais esforços são a chave para o seu futuro.

E tais esforços precisam ser enormes e inclusivos, persistentes, bem direcionados e incansáveis. Não devem ser saciados com sucessos parciais, ninados para dormir por vitórias incolores, e, acima de tudo, não devem ser guiados por ideais egoístas. Ao mesmo tempo, devem ser temperados com bom senso e expectativas racionais. Na Filadélfia, esses esforços devem primeiro ser direcionados à diminuição da criminalidade dos Negros; não há dúvida de que a quantidade de crimes imputados à raça é exagerada, não há dúvida de que características do ambiente do Negro, sobre as quais ele não tem controle, lhe eximem de culpa por muito do que é cometido. Mas, além de tudo isso, a quantidade de crime

que pode sem dúvida ser atribuída ao Negro da Filadélfia é grande e é uma ameaça para um povo civilizado. Esforços para acabar com essa criminalidade devem começar nos lares dos Negros; estes devem deixar de ser, como muitas vezes o são, criadores de ociosidade, extravagância e reclamações. Trabalho contínuo e intensivo; trabalho, embora subalterno e mal recompensado; trabalho, embora feito na labuta da alma e no suor do rosto, deve ser inculcado nas crianças Negras como o caminho para a salvação, de tal forma que uma criança sentiria uma desgraça maior por ser ociosa do que ao fazer o trabalho mais humilde. As virtudes caseiras da honestidade, da verdade e da castidade devem ser inculcadas no berço e, embora seja difícil ensinar respeito próprio a um povo cujos milhões de concidadãos praticamente o desprezam, ainda assim este deve ser ensinado como o caminho mais seguro para ganhar o respeito dos outros.

É certo e apropriado que meninos e meninas Negros desejem ascender tão alto no mundo quanto sua capacidade e o justo mérito lhe deem o direito. Eles devem ser sempre encorajados e instados a fazê-lo, apesar de deverem ser ensinados também que o ócio e o crime estão abaixo e não acima do trabalho mais baixo. Deveria ser o objetivo contínuo dos Negros abrir melhores oportunidades industriais para seus filhos e filhas. Seu sucesso aqui deve, é claro, depender em grande parte dos brancos, mas não inteiramente. A cooperação adequada entre quarenta ou cinquenta mil pessoas de cor deve abrir muitas oportunidades de emprego para seus filhos e filhas em comércios, lojas e oficinas, associações e empresas industriais.

Além disso, alguns meios racionais de diversão devem ser oferecidos aos jovens. Encontros de oração e eventos sociais de igreja têm seu lugar, mas não conseguem competir em atratividade com os salões de dança e casas de jogo da cidade. Há uma demanda legítima por diversão da parte dos jovens, que pode vir a ser um meio de educação, aprimoramento e recreação. Uma diversão inofensiva e bela como a dança pode, com o devido esforço, ser resgatada de suas associações baixas e insalubres e transformada em um meio de saúde e recreação. A mesa de bilhar não estaria mais ligada ao salão do que à igreja se as pessoas boas não a colocassem lá. Se os lares e igrejas dos Negros não puderem divertir seus jovens, e se nenhum outro esforço for feito para satisfazer essa

necessidade, então não poderemos reclamar se os salões, clubes e casas obscenas enviarem essas crianças ao crime, à doença e à morte.

Há uma grande quantidade de serviços de prevenção e resgate que os próprios Negros podem realizar: mantendo as meninas pequenas fora da rua à noite, impedindo a escolta de moças não ciceroneadas à igreja e a outros lugares, mostrando os perigos do sistema de hospedagem, clamando pela compra de residências e pela remoção de bairros lotados e contaminados, oferecendo palestras e folhetos sobre saúde e hábitos, expondo os perigos do jogo e da política, e inculcando o respeito pelas mulheres. Creches e escolas de costura, encontros de mães, parques e lugares ao ar livre são todos pouco conhecidos ou valorizados pelas massas de Negros, e sua atenção deve se voltar aos mesmos.

O dispêndio de dinheiro é uma questão à qual os Negros devem dar atenção especial. O dinheiro é desperdiçado atualmente em vestimentas, móveis, entretenimentos elaborados, edifícios caros de igrejas e esquemas de “seguros”, enquanto deveria ser empregado na compra de moradias, na educação infantil, no fornecimento de diversões simples e saudáveis aos jovens, e no acúmulo de algo em um banco de poupança para um “dia chuvoso”. Deve-se iniciar imediatamente uma cruzada pelo banco de poupança em vez da sociedade de “seguros” na Sétima Região.

Ainda que diretamente após a guerra tenha havido um grande e notável entusiasmo pela educação, não há dúvida de que esse entusiasmo perdeu a força, e hoje em dia há uma grande negligência das crianças entre os Negros e uma falha em enviá-los regularmente à escola. Isso deve ser tratado pelos próprios Negros, e devem ser feitos todos os esforços para induzir a frequência integral e regular.

Acima de tudo, as melhores classes dos Negros devem reconhecer seu dever perante as massas. Eles não devem se esquecer de que o espírito do século XX deve ser aquele em que os que estão em cima se voltem para os que estão em baixo, quando a Humanidade deverá se curvar a tudo o que é humano, em um reconhecimento de que nas áreas degradadas (*slums*) da sociedade moderna estão as respostas à maioria dos nossos problemas desconcertantes de organização e vida, e que somente ao solucionar esses problemas nossa cultura estará assegurada, e o nosso progresso, garantido. Isso o Negro está longe de reconhecer por si; sua evolução em cidades como a Filadélfia se aproxima do estágio medieval

quando forças centrífugas de repulsão entre as classes sociais se tornam mais poderosas do que as de atração. A ascensão da melhor classe dos Negros tem sido tão difícil que eles temem cair agora se se rebaixarem para oferecer a mão aos seus semelhantes. Esse sentimento se intensifica com a cegueira daqueles forasteiros que persistem ainda hoje em confundir os bons e os maus, os erguidos e os caídos em uma massa. Entretanto, o Negro deve aprender a lição que outras nações aprenderam tão laboriosamente e imperfeitamente: a de que suas melhores classes têm como principal razão de ser o trabalho que podem realizar para erguer a multidão. Isso é especialmente verdadeiro em uma cidade como a Filadélfia, que tem uma aristocracia Negra tão distinta e respeitável. É verdade que eles já fazem alguma coisa para lidar com esses problemas sociais de sua raça, mas ainda não estão sequer próximos de fazer o que precisam, tampouco reconhecem claramente sua responsabilidade.

Finalmente, os Negros devem cultivar um espírito de persistência calma e pacífica em sua atitude perante outros cidadãos, e não de queixa ruidosa e destemperada. Um homem pode estar errado e saber que está errado, mas ainda assim alguma polidez deve ser utilizada para dizer-lhe isso. As pessoas brancas na Filadélfia estão perfeitamente cientes de que seus cidadãos Negros não são tratados com justiça em todos os aspectos, mas as coisas não ficarão melhores com acusações diretas e imputações de motivações indignas a todos os homens. Reformas sociais devem se mover lentamente, porém quando o certo é reforçado pelo progresso calmo, mas persistente, de alguma forma todos sentimos que no final ele triunfará.

**58. O dever dos brancos.** Há uma tendência de parte das pessoas brancas em aproximar-se da questão do Negro pelo ângulo que neste momento é o de importância menos urgente, a saber, o da mistura social das raças. A velha indagação “Você gostaria que sua irmã se casasse com um Negro?” ainda persiste como uma sentinela sombria para barrar qualquer discussão racional. Mesmo assim, algumas mulheres brancas foram incomodadas com declarações de pretendentes Negros, e aquelas que o foram se livraram deles com facilidade. A discussão é em sua totalidade um pouco menos do que tola; talvez alguns séculos à frente nos encontremos para discutir seriamente tais questões de política social,

mas é certo que, enquanto um grupo julgar que o casamento com outro seja uma aliança ruim, por tal tempo poucos casamentos irão ocorrer, e não serão necessárias leis ou argumentos para guiar as escolhas em tais assuntos. Certamente as massas dos brancos dificilmente achariam que uma propaganda de repressão fosse necessária para desencorajar intercassamentos. Pode-se confiar no orgulho natural da raça, forte de um lado e crescente do outro, para afastar tais enlaces que poderiam se mostrar desastrosos para ambas as raças neste estágio de desenvolvimento. Tudo isso, portanto, é uma questão para o futuro distante.

Atualmente, porém, devemos encarar o fato de que uma repugnância natural à interação próxima com infelizes ex-escravos desceu até tal ponto de discriminação que muito seriamente os impede de se tornarem qualquer coisa melhor. É correto e apropriado ter objeções em relação à ignorância e, conseqüentemente, em relação a homens ignorantes. Porém, se formos responsáveis pela sua ignorância por causa de nossas ações e persistimos ativamente engajados em mantê-los na ignorância, então o argumento perde sua força moral. Assim é com os Negros: os homens têm o direito de se incomodarem com uma raça tão pobre e ignorante e ineficiente quanto a massa de Negros; mas, se suas políticas passadas são a causa de grande parte dessa situação e se, atualmente, ao excluir meninos e meninas pretas da maioria das avenidas de um emprego decente, estão a aumentar a pobreza e o vício, então eles devem se considerar amplamente responsáveis pelos deploráveis resultados.

Não há dúvida de que na Filadélfia o centro e semente do problema Negro, no que tange às pessoas brancas, está nas estreitas oportunidades proporcionadas aos Negros para ganhar a vida de forma decente. Tal discriminação é moralmente equivocada, politicamente perigosa, industrialmente perdulária e socialmente tola. É o dever dos brancos detê-la, e principalmente para o seu próprio bem. Já se comprovou, após uma longa experiência, que a liberdade de oportunidades na indústria é melhor para todos. Além disso, o custo do crime e da pobreza, o crescimento dos *slums* e as influências perniciosas do ócio e da promiscuidade custam ao público bem mais do que a mágoa aos sentimentos de um carpinteiro por trabalhar ao lado de um homem preto ou da jovem vendedora de uma loja por ficar ao lado de uma colega mais escura. Isso não contempla a substituição maciça de trabalhadores brancos por Negros por compaixão

ou filantropia, mas significa, sim, que o talento deve ser recompensado, e a aptidão, aproveitada no comércio e na indústria, sendo o seu portador Negro ou branco. Que o mesmo incentivo ao trabalho eficiente, honesto e bom seja colocado diante de um *office boy* preto tanto quanto é para um *office boy* branco, diante de um porteiro preto como diante de um branco; e que, a menos que isso seja feito, a cidade não tenha o direito de reclamar no caso de garotos Negros perderem o interesse no trabalho e descambarem para o ócio e o crime. É provável que uma mudança na opinião pública nesse ponto amanhã não faça muita diferença nas posições ocupadas pelos Negros na cidade: alguns poucos seriam promovidos, alguns conseguiriam novas posições. A massa continuaria como está, mas faria uma grande diferença: inspiraria os jovens a tentarem mais, estimularia os ociosos e desanimados e retiraria dessa raça a desculpa onipresente pelo fracasso – o preconceito. Tal transformação moral provocaria uma revolução nos índices de criminalidade nos próximos dez anos. Até mesmo o engraxate Negro engraxaria sapatos melhor se soubesse que era um subalterno não por ser um Negro, mas por ser o que mais se adequava àquela atividade.

Precisamos, então, de uma mudança radical na opinião pública sobre esse assunto. Ela não virá e nem deve vir de uma só vez, mas em vez da aquiescência impensada em relação à exclusão persistente e crescente dos Negros de empregos da cidade, os líderes da indústria de opinião deveriam estar tentando aqui e ali abrir oportunidades e oferecer novas chances a garotos de cor brilhantes. Atualmente, a política da cidade simplesmente afasta a melhor classe de jovens, aos quais suas escolas instruíram e as oportunidades sociais treinaram, e preenche suas vagas com imigrantes viciosos e ociosos. O paradoxo da época é que rapazes e moças das melhores famílias da cidade – famílias nascidas e criadas aqui e escolarizadas nas melhores tradições deste município – precisaram ir para o Sul para conseguir trabalho, se quisessem ser algo além de camareiras e engraxates. Não é que tais trabalhos não possam ser honráveis e úteis, mas é tão errado transformar engenheiros em lavadores de pratos quanto lavadores de pratos em engenheiros. Tal situação é um vexame para a cidade – uma desonra a seu caráter cristão, a seu espírito de justiça, ao seu bom senso. Qual pode ser o resultado de tal política senão a criminalidade aumentada e o aumento das desculpas



para a criminalidade? Pobreza aumentada e mais motivos para ser pobre? Maior servidão política da massa de eleitores pretos para com os chefões e patifes que dividem o butim? Eis aqui, certamente, o primeiro dever de uma cidade civilizada.

Em segundo lugar, em seus esforços pela elevação do Negro, o povo da Filadélfia deve reconhecer a existência de uma melhor classe de Negros e deve angariar o seu auxílio ativo e sua cooperação por meio de uma conduta generosa e educada. Deve haver simpatia social entre o que há de melhor nas duas raças; não deve mais haver o sentimento de que o Negro que faz o melhor de si mesmo é menos importante para a cidade da Filadélfia, enquanto do vagabundo deve-se ter pena e auxiliá-lo. Essa melhor classe de Negros não quer ajuda ou pena, mas sim o reconhecimento generoso de suas dificuldades e uma ampla empatia em relação ao problema de como a vida se apresenta a eles. Ela é composta de homens e mulheres educados e, em muitos casos, cultos. Com a cooperação apropriada, eles poderiam ser um vasto poder na cidade, e o único poder capaz de lidar com as muitas fases dos problemas do Negro. Mas seu auxílio ativo não pode ser ganho por motivos puramente egoístas, ou mantido com grosserias e indelicadezas; e, acima de tudo, eles se opõem a tratamentos paternalistas.

Mais uma vez, os brancos da cidade devem se lembrar de que grande parte do sofrimento e do amargor que cerca a vida do Negro americano vem do preconceito inconsciente e de ações semiconscientes de homens e mulheres que não têm a intenção de magoar ou irritar. Não é preciso discutir o problema do Negro com cada Negro que se encontra ou contar a ele a respeito de um pai que esteve ligado à ferrovia subterrânea;\* não há necessidade de ficar olhando fixamente para um rosto preto solitário na plateia como se este não fosse humano; não é necessário esnobar ou ser cruel ou rude se os Negros no recinto ou na rua não tiverem todos o melhor comportamento ou não tiverem todos os melhores modos; não é necessário riscar de uma lista dos tempos de infância todos os colegas ou amigos dos tempos de escola que por acaso tenham sangue Negro,

\* *Underground Railroad*: nome dado à rota de fuga de escravizados desde os estados do Sul dos Estados Unidos até os estados nortistas e, inclusive, até o Canadá, em uma época anterior à abolição da escravidão em todo o território dos Estados Unidos. (N.T.)

simplesmente por falta de coragem de cumprimentá-los na rua atualmente. As pequenas decências da interação cotidiana podem continuar, as cortesias da vida podem ser trocadas mesmo atravessando a linha de cor sem qualquer perigo à supremacia do anglo-saxão ou à ambição social do Negro. Sem dúvida, as diferenças sociais são fatos e não caprichos, e não podem ser suavemente varridas para o lado, mas elas não precisam ser vistas como desculpas para patentes maldade e incivilidade.

Uma atitude educada e solidária em relação a esses milhares de batalhadores, uma evitação delicada daquilo que os magoa e amargura, uma oferta generosa de oportunidades para eles, um reconhecimento de seus esforços e um desejo de recompensar o sucesso honesto – tudo isso, somado à luta apropriada da parte deles, irá longe, mesmo em nossos dias, no sentido de fazer com que todos os homens, brancos e pretos, realizem aquilo que o fundador da cidade quiz dizer quando a batizou de Cidade do Amor Fraternal.